

LEGENDAGEM PARA SURDOS E ENSURDECIDOS (LSE) DE VÍDEOS EM LIBRAS

Eurijunior Sales de Souza*
Patrícia Araújo Vieira**

RESUMO

A Legendagem para Surdos e Ensurdecidos (LSE), além de ser uma poderosa ferramenta de inclusão, pode ser um excelente recurso didático para o aprendizado de línguas. A LSE também pode ser usada em conjunto com outros recursos de acessibilidade, como a Janela de Libras (Língua Brasileira de Sinais), porém ainda são raras as iniciativas que contemplem seu uso em vídeos produzidos em Língua de Sinais. Entre os gêneros de vídeos produzidos em Libras, tem-se o gênero tradução de textos acadêmicos, comumente utilizados em cursos de Letras com habilitação em Libras como forma de acesso de alunos surdos a esses textos científicos em sua língua materna. Este trabalho, que tem suporte teórico e metodológico nos estudos da Tradução Audiovisual Acessível (TAVa), trata da legendagem desse gênero de vídeos. A metodologia empregada é do tipo descritiva e, como *corpus*, foi escolhido um vídeo em Libras que é a tradução de um texto que integra a bibliografia recomendada do curso de Letras Libras da Universidade Federal do Ceará. A pesquisa traça uma análise descritiva desse processo de legendagem, apresentando as dificuldades encontradas, as peculiaridades observadas nesse gênero de vídeos e as estratégias adotadas por este pesquisador, com vistas à orientação de outros legendistas na tarefa de tornar vídeos produzidos em Libras acessíveis também a pessoas que não tem fluência nessa língua.

Palavras-chave: Tradução Audiovisual Acessível; Legendagem para Surdos e Ensurdecidos; Língua Brasileira de Sinais.

ABSTRACT

The Subtitling for the deaf and hard-of-hearing (SDH), besides being a powerful inclusion tool, can be an excellent didactic resource for language learning. SDH also can be used in conjunction with other accessibility features, such as the Signer, but the initiatives that include their use in sign language videos are still rare. Among the genres of videos produced in Brazilian Sign Language, there is the genre translation of academic texts, commonly used in Language and Literature Programs with qualification in Brazilian Sign Language as a form of access of deaf students to these scientific texts in their mother tongue. This work, which has theoretical and methodological support in the studies of Accessible Audiovisual Translation (AVT), deals with the subtitling of this genre of videos. The methodology employed is the descriptive type. A video of the translation of a text that integrates the recommended bibliography of the Brazilian Sign Language and Literature program of the Federal University of Ceará was chosen. The research traces a descriptive analysis of this subtitling process, presenting the difficulties encountered, the peculiarities observed in this genre of videos and the strategies adopted by this researcher, with a view to the guidance of

* Universidade Federal do Ceará (UFC)

** Universidade Federal do Ceará (UFC)

other subtitlers in task of become videos produced in Brazilian Sign Language accessible also to people who do not have fluency in that language.

Keywords: Accessible Audiovisual Translation; Subtitling for Deaf and hard of Hearing; Brazilian Sign Language.

INTRODUÇÃO

A Legendagem para Surdos e Ensurdecidos (LSE) é uma poderosa ferramenta de inclusão, ao possibilitar que pessoas com deficiência auditiva tenham acesso a produções audiovisuais por meio da tradução por escrito das falas e efeitos sonoros. De um modo geral, ela beneficia não apenas esse público, mas toda a sociedade, quando permite, por exemplo, que mesmo ouvintes possam acompanhar vídeos quando, por algum motivo, o áudio está em volume baixo ou indisponível.

A Universidade Estadual do Ceará (UECE) é uma das pioneiras no estudo dessa modalidade de tradução audiovisual e por meio dos esforços do grupo de pesquisas LEAD (Legendagem e Audiodescrição), capitaneados pela Profa. Dra. Vera Lúcia Santiago Araújo, tem proposto um modelo de produção de LSE que possa atender com maior conforto ao público surdo/ensurdecido, em detrimento ao sistema *closed caption* adotado no Brasil, que se baseia em um processo de transcrição das falas. Esse modelo proposto respeita os mesmos aspectos técnicos e linguísticos utilizados na produção de legendas para ouvintes (LO) e preconizados por pesquisadores da área: (IVARSSON E CARROL, 1998; KARAMITROGLOU, 1998; DIAZ-CINTAS E REMAEL, 2007; NEVES, 2007), legendas essas utilizadas na tradução interlinguística de produções audiovisuais, como filmes e séries.

A legendagem pode ainda ser utilizada em conjunto com outros recursos de acessibilidade, como a janela de Libras (Língua Brasileira de Sinais). Carvalho et al. (2017), ao discorrerem sobre educação inclusiva e ensino a distância, abordam essa possibilidade quando comentam que nem todas as pessoas surdas e ensurdecidas utilizam a Língua de Sinais em sua comunicação, sendo necessária a oferta de legendas para que se garanta igualdade no acesso aos conteúdos.

Dentro da comunidade surda tem-se um exemplo do uso da legendagem associada à Língua de Sinais, caso da TV INES, um canal de *webTV*, fruto da parceria do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) e da Associação de Comunicação Educativa Roquette Pinto (ACERP) e que tem como proposta, conforme descrição em seu sítio oficial na Internet, “integrar os públicos surdo e ouvinte numa grade de programação bilíngue”. Transversal – Revista em Tradução, Fortaleza, v.5, n.9, p.154-173, 2019.

Apesar disso, ainda são raras as iniciativas que contemplem o uso da LSE em vídeos produzidos em Língua de Sinais.

Este artigo tem como objetivo descrever o processo de produção de LSE de vídeos em Libras, com ênfase em traduções de textos acadêmicos, e está dividido em cinco partes, além desta Introdução, a saber: Referencial Teórico, Metodologia, Análise e Discussões e Considerações Finais.

1 Referencial Teórico

1.1 A Legendagem para Surdos e Ensurdidos (LSE)

De acordo com Diaz-Cintas e Remael (2007), o termo “legendagem” pode ser definido como “uma prática de tradução que consiste na apresentação de texto escrito, geralmente na parte inferior da tela, que tenta recontar o diálogo original dos falantes, assim como os elementos discursivos que aparecem na imagem¹” (DIAZ-CINTAS; REMAEL, 2007, p. 9, tradução nossa).

Essa definição traz, em si, um componente fundamental para o esclarecimento sobre o caráter primordial da legendagem, a saber, que ela é uma modalidade de tradução, e mais especificamente, como define Diaz-Cintas (2005), de Tradução Audiovisual (TAV), assim como também o são a dublagem e o *voice-over*².

A Legendagem para Surdos e Ensurdidos (LSE) enquadra-se como uma modalidade de Tradução Audiovisual Acessível (TAVa), conjuntamente com a audiodescrição e a janela de interpretação para Língua de Sinais. Naves et al. (2016) definem a LSE como:

a tradução das falas de uma produção audiovisual em forma de texto escrito, podendo ocorrer entre duas línguas orais, entre uma língua oral e outra de sinais ou dentro da mesma língua. Por ser voltada, prioritariamente, ao público surdo e ensurdido, a identificação de personagens e efeitos sonoros deve ser feita sempre que necessário.

Dessa forma, o que diferencia a LSE da legendagem convencional, voltada para ouvintes, é a explicitação das informações que só podem ser depreendidas pelo canal auditivo. A legislação brasileira, por meio da Portaria Nº 310 do Ministério das Comunicações, de 27 de junho de 2006, define a LSE como: “a transcrição em língua portuguesa, dos diálogos,

¹ “a translation practice that consists of presenting a written text, generally on the lower part of the screen, that endeavours to recount the original dialogue of the speakers, as well as the discursive elements that appear in the image” (DIAZ-CINTAS; REMAEL, 2007, p. 9).

² Emissão dos diálogos originais em volume mais baixo concomitantemente com a versão traduzida (Nascimento, 2013).

efeitos sonoros, sons do ambiente e demais informações que não poderiam ser percebidos ou compreendidos por pessoas com deficiência auditiva” (grifo nosso). Essa concepção de transcrição, e não tradução, como defendem os teóricos da área de TAV (IVARSSON E CARROL, 1998; KARAMITROGLOU, 1998; DIAZ-CINTAS E REMAEL, 2007; NEVES, 2007), acarretou a adoção do sistema *closed caption* pelas emissoras de TV brasileiras, sistema esse que gera, conforme Naves et al. (2016), legendas de “três linhas ou mais, com uma densidade lexical que não permite que o espectador tenha tempo de harmonizar imagens e legenda”.

As pesquisas realizadas pelo Grupo LEAD-UECE, tem corroborado o entendimento dos estudiosos da área de TAV de que as legendas que buscam atender ao público surdo e ensurdecido devem seguir os mesmos parâmetros das legendas produzidas para ouvintes. A seguir, as próximas subseções apresentam esses parâmetros em detalhes.

1.1.1 Parâmetros técnicos da LSE

Karamitroglou (1998) e Diaz-Cintas e Remael (2007) dividem os parâmetros técnicos da legendagem com base em duas dimensões: espacial e temporal. Na dimensão espacial os autores citam o número de linhas da legenda, a posição da legenda em tela, o tipo de fonte e o número de caracteres por linha de legenda. Quanto ao número de linhas, ambos defendem que sejam exibidas, no máximo, duas linhas por legenda. Em relação ao posicionamento em tela, Karamitroglou (1998) preconiza que “as legendas devem ser posicionadas na parte inferior da tela, de modo que cubram uma área geralmente ocupada pela imagem de menor importância para a apreciação estética geral do filme³ (nossa tradução)”. Quanto ao tipo de fonte, ambos os autores recomendam o uso de fontes sem serifa (normalmente *Arial* ou *Helvetica*). Por fim, em relação ao número de caracteres por linha de legenda, Diaz-Cintas e Remael (2007, p. 84) afirmam que, na legendagem para TV, usualmente esse parâmetro é limitado em 37 caracteres, valor esse adotado como padrão nas pesquisas produzidas no âmbito do Grupo LEAD-UECE (ASSIS, 2016, p. 30).

Além dos parâmetros mencionados, Araújo e Assis (2014) ainda acrescentam o formato da legenda, que, segundo os autores, pode ser retangular (quando as linhas de legenda têm aproximadamente o mesmo tamanho), pirâmide (quando a linha de cima é menor que a

³ “Subtitles should be positioned at the lower part of the screen, so that they cover an area usually occupied by image action which is of lesser importance to the general aesthetic appreciation of the target film”.

linha de baixo) e pirâmide invertida (quando a linha de cima é maior que a linha de baixo). O Quadro 1 traz um exemplo desses formatos de legenda:

Quadro 1 – Formato das legendas em tela.

Formato	Legendas
Em forma de retângulo	O guardinha me parou por causa de uma bobagem da placa que caiu!
Em forma de triângulo com a linha de cima maior	Um tutuzinho de feijão, um lombinho.
Em forma de triângulo com a linha de cima menor	[Deolinda] já imaginava, por isso fiz o tutuzinho logo hoje.

Fonte: Araújo e Assis (2014).

Na dimensão temporal, Diaz-Cintas e Remael (2007) citam parâmetros como a marcação e a duração das legendas, o intervalo entre legendas consecutivas e a velocidade da legenda. Quanto à marcação, que consiste na determinação dos tempos de entrada e saída da legenda, os autores afirmam que uma marcação considerada ideal seria aquela em que as legendas deveriam manter sincronismo com a fala das personagens. Os autores afirmam ainda que, quando a legenda permanece na tela por um tempo maior do que o necessário, o expectador tem a tendência de relê-la. Para evitar essa releitura desnecessária, é utilizado na Europa um tempo máximo de exibição em tela de 6 segundos, a chamada “regra dos seis segundos” (D’YDEWALLE et al., 1987), definida como o tempo médio necessário para que um expectador consiga ler confortavelmente duas linhas de 37 caracteres cada (DIAZ-CINTAS; REMAEL, 2007, p. 96). Assis (2016, p. 32) afirma que, no Brasil, os tempos máximo e mínimo utilizados pelos profissionais de legendagem são de 4 segundos e 1 segundo respectivamente, tempos esses também adotados como padrão pelo Grupo LEAD-UECE.

Em relação ao intervalo entre legendas consecutivas, Diaz-Cintas e Remael (2007) recomendam um intervalo mínimo de dois quadros⁴, para que assim o expectador não tenha dificuldade em perceber a mudança de informação textual. Assis (2016, p. 31) afirma que o Grupo LEAD-UECE utiliza por padrão o tempo de 100 milissegundos, que corresponde aproximadamente ao tempo de dois quadros mencionados anteriormente, a uma taxa de exibição de 25 quadros por segundo.

⁴ Ou fotogramas (do inglês *frames*), correspondem a imagem unitária do filme, tal como registrada sobre a película, que, vistos em sequência, dão uma impressão de movimento (AUMONT; MARIE, 2003).

Por fim, quanto à velocidade da legenda, Diaz-Cintas e Remael (2007), baseados no estudo de d'Ydewalle et al. (1987) – que fala das três velocidades de leitura às quais um expectador pode assistir confortavelmente a uma produção audiovisual (145, 160 ou 180 ppm - palavras por minuto) – construíram três tabelas que estabelecem uma relação entre caracteres por segundo (que é a medida de velocidade padrão utilizada pelas empresas de legendagem) e número de quadros. As tabelas a seguir são uma reprodução, em português, das tabelas mencionadas.

Tabela 1 – Relação caracteres por segundo *versus* quadros na velocidade de 145 ppm.

145 palavras por minuto	Segundos: quadros	Espaços	Segundos: quadros	Espaços	
	01:00	16	02:00	29	
	01:04	17	02:04	32	
	01:08	18	02:08	34	
	01:12	20	02:12	36	
	01:16	23	02:16	38	
	01:20	25	02:20	40	
Segundos: quadros	Espaços	Segundos: quadros	Espaços	Segundos: quadros	Espaços
03:00	44	04:00	58	05:00	70
03:04	46	04:04	60	05:04	71
03:08	48	04:08	62	05:08	72
03:12	50	04:12	64	05:12	73
03:16	52	04:16	65	05:16	73
03:20	54	04:20	67	05:20	74
				06:00	74

Fonte: Diaz-Cintas e Remael (2007, p. 97).

Tabela 2 – Relação caracteres por segundo *versus* quadros na velocidade de 160 ppm.

160 palavras por minuto	Segundos: quadros	Espaços	Segundos: quadros	Espaços	
	01:00	17	02:00	31	
	01:04	18	02:04	34	
	01:08	20	02:08	37	
	01:12	23	02:12	40	
	01:16	26	02:16	42	
	01:20	28	02:20	44	
Segundos: quadros	Espaços	Segundos: quadros	Espaços	Segundos: quadros	Espaços
03:00	48	04:00	63	05:00	75
03:04	50	04:04	65	05:04	75
03:08	53	04:08	67	05:08	76
03:12	56	04:12	69	05:12	76
03:16	58	04:16	71	05:16	77
03:20	60	04:20	73	05:20	77
				06:00	78

Fonte: Diaz-Cintas e Remael (2007, p. 98).

Tabela 3 – Relação caracteres por segundo versus quadros na velocidade de 180 ppm.

180 palavras por minuto	Segundos: quadros	Espaços	Segundos: quadros	Espaços	
	01:00	17	02:00	35	
	01:04	20	02:04	37	
	01:08	23	02:08	39	
	01:12	26	02:12	43	
	01:16	28	02:16	45	
	01:20	30	02:20	49	
Segundos: quadros	Espaços	Segundos: quadros	Espaços	Segundos: quadros	Espaços
03:00	53	04:00	70	05:00	78
03:04	55	04:04	73	05:04	78
03:08	57	04:08	76	05:08	78
03:12	62	04:12	76	05:12	78
03:16	65	04:16	77	05:16	78
03:20	68	04:20	77	05:20	78
				06:00	78

Fonte: Diaz-Cintas e Remael (2007, p. 99).

Cada tabela corresponde a uma das três velocidades de leitura especificadas, trazendo os espaços (quantidade de caracteres, incluindo espaços em branco) permitidos para aquela determinada janela de tempo, definida em segundos e quadros. Assim, em uma fala de 02 segundos mais 04 quadros (aproximadamente 2,2 segundos) na velocidade de 180 ppm (tabela 3) é possível inserir até 37 espaços para que a legenda possa ser lida de modo confortável.

1.1.2 Parâmetros linguísticos da LSE

Segundo Naves et al. (2016), os parâmetros linguísticos estão relacionados à segmentação da fala em bloco semânticos e à redução da informação textual. A segmentação pode ser feita entre legendas ou entre linhas e é realizada com base nos cortes de cena (segmentação visual), no fluxo da fala (segmentação retórica) e nas unidades semânticas e sintáticas (segmentação linguística).

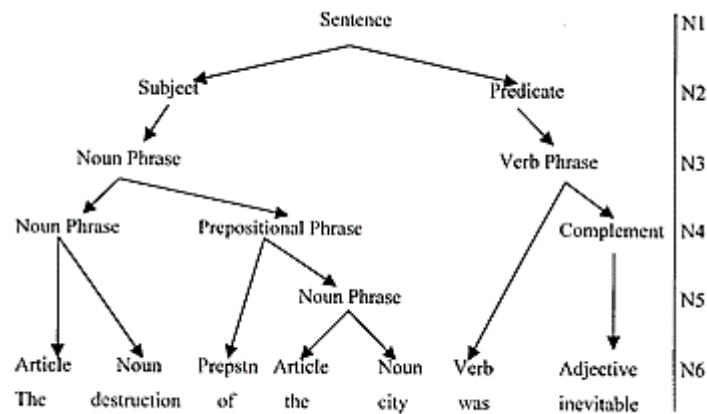
As autoras afirmam que a segmentação visual “deve levar em consideração os cortes da câmera, porque, quando há mudança de cena, nossos olhos reconhecem essa mudança e esperam que haja mudança também de legenda” (ibid., p. 49). Quanto à segmentação retórica, Naves et al (2016) declaram:

A segmentação retórica diz respeito à distribuição do texto a partir do fluxo das falas, ou seja, ela deve ocorrer por blocos, e cada bloco de fala deve corresponder a uma nova legenda. (...) É importante, na segmentação retórica, que cada legenda só apresente nova informação no momento em que esta for dada pelo falante ou pela trilha sonora, principalmente se for alguma informação relevante para o filme, como é o caso de segredos e revelações, e das músicas de suspense.

Por fim, em relação à segmentação linguística, Naves et al (2016) apontam que este “é um dos principais parâmetros da legendagem que, juntamente com o parâmetro técnico da velocidade, rege os demais” (ibid., p. 49).

Karamitroglou (1998) preconiza que o texto legendado deve aparecer segmentado no mais alto nível sintático possível, de forma que, idealmente, cada legenda (ou linha de legenda) contenha uma sentença completa. Para expor melhor essa ideia, o autor apresenta a seguinte ilustração, em forma de árvore sintática:

Figura 1 – Explicação sobre segmentação linguística.



Fonte: Karamitroglou (1998).

Na imagem, o eixo vertical representa os níveis sintáticos, que o autor nomeia de nós (N1 a N6), onde N1 corresponde a sentença completa e N6 corresponde a cada palavra dessa sentença. Se essa sentença necessitasse ser dividida, o autor sugere que a segmentação fosse efetuada em N2, de forma a tornar a leitura mais fluida, uma vez que, “quanto maior o nó, maior é o agrupamento de carga semântica, apresentando ao cérebro uma informação mais completa⁵ (nossa tradução)”.

Em relação à redução textual das legendas, essa se dá com base nos parâmetros técnicos, quando, para se conseguir alocar o texto das legendas de acordo com número de caracteres por linha e velocidade da legenda, é necessária uma edição linguística que pode

⁵ “the higher the node, the greater the grouping of the semantic load and the more complete the piece of information presented to the brain”.

substituir algumas palavras por sinônimos de tamanho menor, excluir informações redundantes ou até mesmo omitir blocos inteiros de texto, desde que não comprometam a compreensão do conteúdo.

Por fim, têm-se ainda os parâmetros paralinguísticos, que, segundo Assis (2016), definem a LSE e diferenciam-na da legendagem para ouvintes. Esses parâmetros são a identificação dos falantes e a explicitação dos efeitos sonoros. O autor afirma que, no Brasil, existe uma preferência pelo uso de colchetes para a adição dessas informações, além do uso do estilo itálico para representar as falas em segundo plano.

3 Metodologia

A metodologia empregada no presente trabalho é do tipo descritiva, de natureza qualitativa e está inserida nos estudos da TAVa, pois tem como objetivo fazer uma análise descritiva do processo de produção da LSE de vídeos em Libras de traduções de textos acadêmicos.

3.1. Escolha do *Corpus*

O *corpus* utilizado é do tipo especializado monolíngue, sendo composto pelo registro em vídeo da tradução em Libras do texto “Uma análise crítica das abordagens/métodos para o ensino-aprendizagem de línguas”, de autoria do Prof. Dr. José Roberto Alves Barbosa, que é parte da bibliografia recomendada do curso de Letras – Libras, da Universidade Federal do Ceará (UFC).

Esta instituição de ensino superior possui uma instância responsável pela elaboração e implementação de políticas de acessibilidade e inclusão, a Secretaria de Acessibilidade UFC - Inluc, órgão vinculado ao gabinete do Reitor, que, através do trabalho de seus profissionais e para garantir a acessibilidade dos estudantes surdos do curso de Letras - Libras aos textos acadêmicos utilizados nas disciplinas (uma vez que os textos didáticos são originalmente escritos em Português, segunda língua dos alunos surdos), realiza a tradução interlinguística (do Português para a Libras) desses referidos materiais, que é então gravada em vídeo e posteriormente disponibilizada a esses alunos.

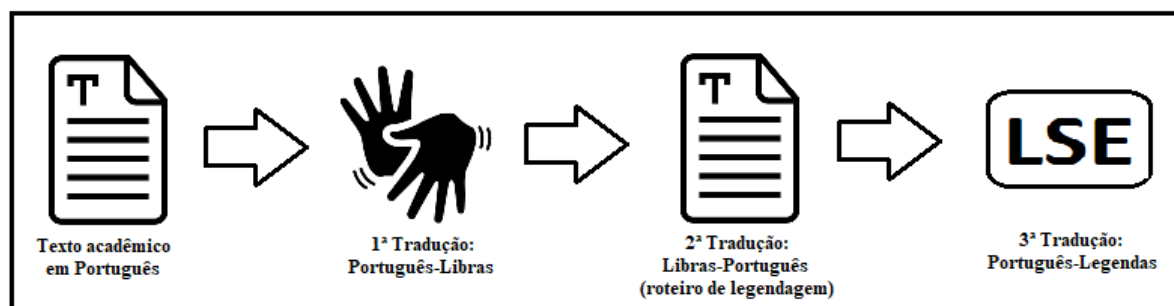
A tradução para Libras do referido texto foi realizada por um Tradutor/Intérprete em Língua de Sinais (TILS) membro da divisão de intérpretes da UFC e foi registrada em um vídeo de 1 hora e 26 minutos. Para a realização deste trabalho, foram consideradas as duas

seções iniciais do texto, denominadas “Introdução” e “Definindo termos: abordagem, métodos e técnicas”, cujos registros no vídeo duram cerca de 2 minutos e 11 minutos, respectivamente.

2.2.1 O processo tradutório

Para o desenvolvimento deste estudo, tivemos o apoio de uma intérprete com bacharelado em Letras-Libras e mestrado em tradução, integrante da equipe de TILS da UFC, que nos auxiliou no processo de tradução da Libras para o Português.

Figura 2 – O fluxo das traduções.



Fonte: Elaborado pelos autores.

A figura 2 ilustra o fluxo das traduções, iniciando com o texto acadêmico em Português, passando pela primeira tradução (do Português para Libras), depois pela segunda tradução (da Libras para o Português, originando o roteiro de legendagem) e finalizando com a LSE⁶, isto é, o terceiro processo tradutório.

2.2.2 A ferramenta de legendagem

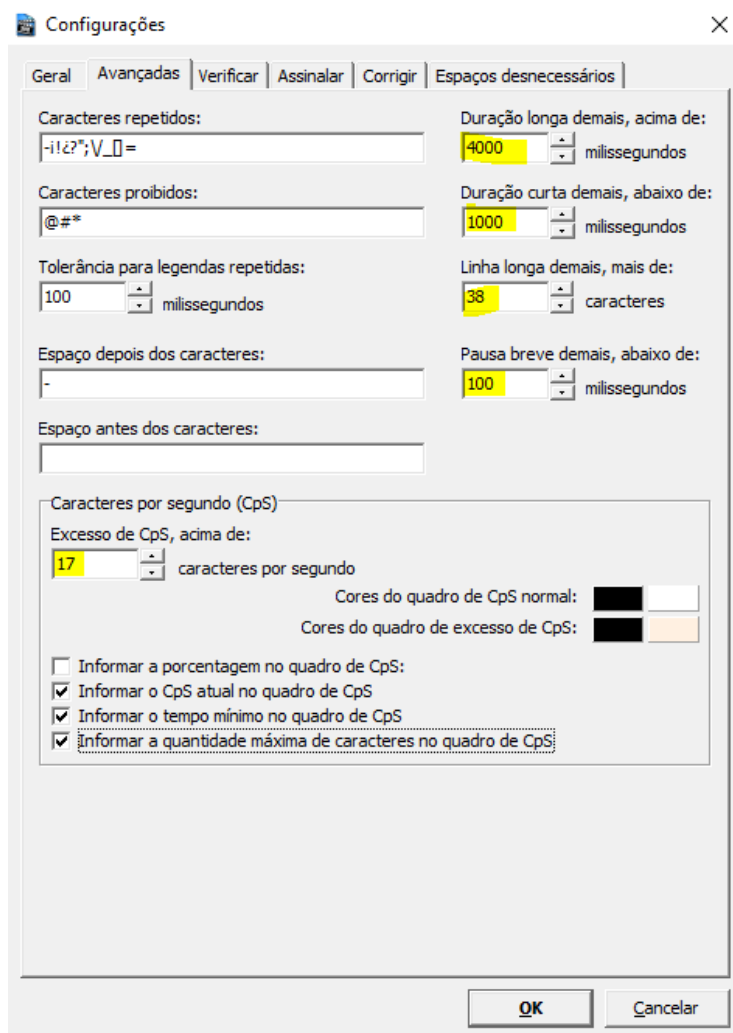
Para a confecção das legendas utilizamos o programa *freeware Subtitle Workshop* versão 6.0b⁷, desenvolvido pela URUSoft (atual UROWorks). Ele se constitui em uma ferramenta completa e eficiente para a criação, edição e conversão de legendas, suportando os formatos de legenda mais utilizados do mercado, entre eles o SubRip (.srt). Além de permitir a confecção das legendas em si, com opções de marcação e sincronização, o programa possui um recurso adicional que para nós foi de grande valia no processo de produção da LSE, a verificação de erros. Essa função é configurada por meio do menu *Ferramentas > Erros e Informações > Configurações > Avançadas* e permite que sejam definidos parâmetros como

⁶ Disponível em: <https://youtu.be/o3hkAFdS2RE>

⁷ Disponível em: http://sourceforge.net/projects/subworkshop/files/bin/Subtitle%20Workshop%206.0b/Subtitle%20Workshop_6.0b_131121_installer.exe/download

velocidade da legenda (em cps - caracteres por segundo), tempos máximo e mínimo de exibição da legenda, limite máximo de caracteres por linha e duração mínima da pausa entre legendas. Assim, configurando o programa de acordo com os parâmetros recomendados (figura 3), a saber: 4 segundos de duração máxima e 1 segundo de duração mínima das legendas; limite máximo de 37 caracteres por linha; pausa entre legendas mínima de 100 milissegundos e 17 caracteres por segundo de velocidade da legenda (o que corresponde a 180 palavras por minuto) foi possível uma maior agilidade na produção e análise da LSE do vídeo objeto do presente trabalho.

Figura 3 – Tela de configuração de parâmetros do *Subtitle Workshop*.



Fonte: Captura de tela elaborada pelos autores.

3 Análise e Discussões

3.1 Dificuldades encontradas

O gênero em questão trata-se de um vídeo produzido em Libras, contudo esse vídeo é a tradução de um capítulo de um livro em português do autor Prof. Dr. José Roberto Alves Barbosa, cujo tema aborda os métodos e abordagens utilizados para o ensino de línguas estrangeiras. Nosso desafio se configurou na diferença entre as duas línguas, principalmente quanto à modalidade⁸ e isso naturalmente implica na velocidade de fala, o que pode implicar na segmentação das legendas. Mesmo com o roteiro de legendagem produzido pela intérprete, em vários momentos surgiram dúvidas em relação a determinados sinais em Libras e como seria a melhor tradução deles para o português.

A outra dificuldade relacionou-se ao parâmetro técnico da velocidade da legenda. Durante a prática da legendagem, observamos que a velocidade de fala do tradutor era menor (em média 11 cps) do que a menor velocidade de fala em uma língua oral.

Vieira (2016), em seu estudo sobre a influência da velocidade das legendas na recepção da LSE por espectadores surdos e ouvintes, afirma que legendas lentas podem comprometer o processo de leitura. Assim, levando em consideração que o gênero desse estudo é uma tradução de um texto acadêmico e não de uma fala espontânea, isso pode ter influenciado a velocidade da sinalização do vídeo. Além disso, temos aqui uma tradução não apenas interlinguística, mas também do tipo intermodal, ou seja, entre línguas de modalidades diferentes, o que também pode ter influência na velocidade da sinalização.

Um terceiro fator que demandou um maior esforço durante a prática da legendagem tem relação com os parâmetros de marcação e duração das legendas. Em alguns momentos foi muito difícil aliar uma segmentação retórica satisfatória com um tempo de exposição em tela de 4 segundos. Quando priorizamos uma marcação baseada na retórica do tradutor, algumas legendas chegaram próximas de 5 segundos. Por outro lado, usando a “regra dos 4 segundos”, o tempo de exibição de algumas delas em tela não cobria toda a sinalização do tradutor, o que talvez possa causar algum desconforto para um aprendiz da Libras que tenha o português

⁸ Segundo McBurney (2004, p.351, apud Rodrigues, 2013, p. 267) a modalidade de uma língua pode ser definida como sendo os sistemas físicos ou biológicos de transmissão por meio dos quais a fonética de uma língua se realiza.

como primeira língua. O quadro 2 mostra um exemplo⁹ de legenda que, por conta da segmentação retórica, extrapolou o limite de 4 segundos.

Quadro 2 – Exemplo de legenda com mais de 4 segundos.

<p><t>00:00:24,390 --> 00:00:29,196</t> realizaram várias pesquisas sobre o ensino de línguas estrangeiras <veloc_leg 65c/4,8s></p>

Fonte: Elaborado pelos autores.

No quadro, temos que a inserção de legenda com o texto “realizaram várias pesquisas sobre o ensino de línguas estrangeiras”, de 65 caracteres que corresponde a uma tradução em português da sinalização do tradutor do vídeo e que essa sinalização completa durou 4,8 segundos.

3.2 Peculiaridades do gênero tradução de textos acadêmicos




O processo de produção de LSE de vídeos em Libras de traduções de textos acadêmicos apresenta algumas peculiaridades que o tornam distinto de outros tipos de legendagem. A primeira e mais importante delas reside no fato de não haver um amparo sonoro. Na LSE da grande maioria de materiais audiovisuais, o legendista se orienta principalmente pelo som, seja fala, seja efeito sonoro, para confeccionar as legendas, seguindo sempre que possível uma marcação e uma segmentação que se harmoniza com esse áudio.

Os vídeos de traduções para Libras de textos acadêmicos da UFC normalmente são produzidos sem áudio. Uma dupla de intérpretes, após um estudo prévio sobre o conteúdo do texto, vai para um estúdio de gravação da instituição. Nesse momento, um dos intérpretes lê o texto para o outro, que então faz a interpretação para Libras, sendo essa tradução registrada em vídeo. Em seguida, conforme já mencionado anteriormente, esse vídeo passa por um processo de edição para só então ser disponibilizado ao seu público-alvo. Na edição, é removida a voz do intérprete responsável pela narração do texto, uma vez que, naquele momento, o foco dele estava apenas em transmitir para o parceiro responsável pela tradução o conteúdo dentro da estratégia de tradução adotada por ambos.

⁹ O modelo de etiquetagem proposto por Chaves (2012): o par de etiquetas <t></t> corresponde ao tempo de entrada e saída (marcação) da legenda e <veloc_leg> total de caracteres pelo tempo/ exibição em tela.

Outra peculiaridade desse gênero reside nas marcas de oralidade presentes na fala do tradutor do vídeo, em específico, o uso de repetições. No vídeo utilizado neste trabalho, este recurso é muito comum, sendo empregado pelo tradutor em 6 situações distintas somente nos 6 minutos iniciais. O quadro 3 traz um exemplo de uma dessas situações:

Quadro 3 – Exemplo do uso de repetições.

<i>Frame ilustrativo</i>	Roteiro de legendagem	Legenda
		<p>35 <t>00:02:03,788 --> 00:02:07,699</t> Peço a todos que tenham atenção e cuidado <veloc_leg 40c/3,9s></p> <p>36 <t>00:02:07,899 --> 00:02:11,865</t> principalmente vocês, professores de línguas estrangeiras <veloc_leg 56c/3,9s></p>
	<p>É necessário que vocês, professores de línguas estrangeiras, tenham atenção ao adotar um método, porque ele não é uma solução milagrosa. É preciso ter cuidado [...]</p>	<p>37 <t>00:02:12,959 --> 00:02:16,687</t> cuidado ao escolher um método ou abordagem <veloc_leg 41c/3,7s></p> <p>38 <t>00:02:16,787 --> 00:02:18,300</t> como uma solução mágica. <veloc_leg 24c/1,5s></p>
		<p>39 <t>00:02:19,259 --> 00:02:20,495</t> É preciso cuidado! <veloc_leg 18c/1,2s></p>

Fonte: Elaborado pelos autores.

No quadro 3, a primeira coluna contém 3 *frames* que ilustram momentos em que o tradutor executa o sinal da Libras correspondente à palavra “cuidado” (as duas mãos espalmadas); a segunda coluna reproduz o trecho do roteiro de legendagem produzido pela intérprete e a terceira coluna apresenta as inserções de legenda geradas.

Uma terceira peculiaridade presente nesse gênero de vídeos está relacionada com o léxico da própria língua de sinais. Segundo Quadros e Karnopp (2004), algumas palavras de ordem mais técnica não possuem um sinal equivalente, requerendo, portanto, o uso da datilologia (ou soletração manual), que é uma representação manual da ortografia do português. Ocorre que a sinalização por meio da datilologia demanda um determinado tempo para ser executada e sua representação em português escrito abrange um número pequeno de caracteres, o que também contribui para uma velocidade de legenda mais baixa.

3.3 Estratégias adotadas para a LSE de vídeos em Libras do gênero tradução de textos acadêmicos

Para a legendagem desse gênero de vídeos, o legendista, por conta da já citada ausência de referencial sonoro, precisa basear suas marcações apenas na sinalização do tradutor, o que exige dele um conhecimento prévio de Libras.

Na nossa primeira tentativa de legendagem (a primeira versão da LSE), muitas das inserções de legenda ultrapassaram 4 segundos de tempo de exposição em tela, algumas chegando próximas a 6 segundos. Isso ocorreu porque, nesse primeiro momento, realizamos a segmentação das legendas seguindo sentenças completas da fala do tradutor. Já na terceira versão da LSE, devido a maior exposição à Libras proporcionada pelo próprio ato de legendagem do vídeo, conseguimos segmentar essas mesmas legendas em um tempo menor. Observamos durante a sinalização em Libras que algumas dessas sinalizações dão indicativos do que seriam as pausas em um discurso em língua oral, entre eles o gesto de fechar as mãos, a identificação dos sinais de palavras como “o quê” e “então”, além da própria movimentação do intérprete e sua respiração, o que me permitiu segmentar as sentenças em grupos menores. O quadro 4 traz uma comparação entre essas duas versões:

Quadro 4 – Comparação entre versões da LSE.

Primeira versão da LSE	Terceira versão da LSE
<p>9 <t>00:00:29,769 --> 00:00:33,890</t> As perguntas de pesquisa eram, por exemplo: <veloc_leg 42c/4,1s></p>	<p>9 <t>00:00:29,769 --> 00:00:33,690</t> As perguntas de pesquisa eram, por exemplo: <veloc_leg 42c/3,9s></p>
<p>10 <t>00:00:33,990 --> 00:00:37,412</t> Como algumas pessoas aprendem línguas estrangeiras? <veloc_leg 50c/3,4s></p>	<p>10 <t>00:00:33,990 --> 00:00:37,412</t> Como algumas pessoas aprendem línguas estrangeiras? <veloc_leg 50c/3,4s></p>

<p>11 <t>00:00:38,190 --> 00:00:43,854</t> Como organizam mentalmente esse conhecimento adquirido? <veloc_leg 54c/5,6s></p> <p>12 <t>00:00:43,954 --> 00:00:48,423</t> Como é a estrutura da língua estrangeira? <veloc_leg 40c/4,4s></p> <p>13 <t>00:00:48,523 --> 00:00:54,482</t> Essas perguntas fizeram os estudiosos pensar em abordagens <veloc_leg 57c/5,9s></p>	<p>11 <t>00:00:37,890 --> 00:00:40,564</t> Como se adquire outra língua <veloc_leg 28c/2,6s></p> <p>12 <t>00:00:40,664 --> 00:00:43,767</t> e a organiza mentalmente? <veloc_leg 25c/3,1s></p> <p>13 <t>00:00:44,754 --> 00:00:48,423</t> Como é a estrutura da língua estrangeira? <veloc_leg 40c/3,6s></p> <p>14 <t>00:00:48,523 --> 00:00:51,051</t> Todos esses questionamentos <veloc_leg 27c/2,5s></p> <p>15 <t>00:00:51,151 --> 00:00:54,451</t> fizeram os estudiosos pensar em abordagens <veloc_leg 41c/3,3s></p>
---	--

Fonte: Elaborado pelos autores.

No quadro 4, a primeira coluna corresponde a um trecho da primeira versão da LSE que contém 5 inserções de legenda e a segunda coluna ao mesmo trecho na terceira versão da LSE, porém com 7 inserções. As inserções de legenda números 11 e 13 da primeira versão tinham durações de 5,6 e 5,9 segundos respectivamente, contudo, na terceira versão essas legendas puderam ser divididas cada uma em duas, ainda assim respeitando o fluxo das falas do tradutor.

Entretanto, retomando o exemplo do quadro 2, que foi extraído da terceira versão da LSE, o intervalo do vídeo correspondente à sentença em Libras que foi legendada como “realizaram várias pesquisas sobre o ensino de línguas estrangeiras” não apresentou nenhum desses elementos retóricos que permitissem a segmentação até o limite de 4 segundos. O quadro 5 traz mais alguns exemplos semelhantes, com inserções de legenda com duração acima dos 4 segundos, todos também extraídos da terceira versão da LSE:

Quadro 5 – Mais exemplos de legendas com duração acima de 4 segundos.

<p>71 <t>00:04:01,807 --> 00:04:06,744</t> Em relação às teorias de aprendizagem de línguas <veloc_leg 47c/4,9s></p>

<p>72</p> <p><t>00:04:06,844 --> 00:04:11,434</t></p> <p>esses autores falam sobre influências</p> <p><veloc_leg 37c/4,5s></p>
<p>73</p> <p><t>00:04:11,534 --> 00:04:16,021</t></p> <p>tanto de fatores sociais</p> <p>como de fatores cognitivos.</p> <p><veloc_leg 51c/4,4s></p>

Fonte: Elaborado pelos autores.

Mesmo na terceira versão da LSE, por conta do fluxo de fala, as legendas extrapolaram a regra dos 4 segundos. Assim, percebemos que um tempo de exposição em tela de 5 segundos seja um parâmetro mais adequado para a legendagem de vídeos em Libras do gênero tradução de textos acadêmicos.

Prosseguindo com a descrição das estratégias adotadas, a fim de tentar manter uma velocidade média de legenda próxima dos padrões recomendados nos estudos de TAVa, precisamos fazer uso de uma técnica pouco utilizada na legendagem para ouvintes, a saber, a explicitação. Silva (2014) define explicitação como “um fenômeno linguístico que ocorre na tradução ao expressar uma informação implícita do texto-fonte aberta e verbalmente no texto-alvo, tornando o texto traduzido mais claro e informativo”. Por se tratar da LSE de um vídeo de uma tradução de texto acadêmico, o propósito aqui foi o de obter um acréscimo de conteúdo linguístico, levando a um aumento no número de caracteres e, por conseguinte, da velocidade da legenda. O quadro 6 traz um exemplo dessa abordagem:

Quadro 6 – Exemplo de explicitação.

Primeira versão da LSE	Terceira versão da LSE
<p><t>00:00:17,018 --> 00:00:19,936</t></p> <p>Desde o século 19</p> <p><veloc_leg 17c/2,9s></p>	<p><t>00:00:17,018 --> 00:00:19,936</t></p> <p>Bem, há muito tempo,</p> <p>desde o século 19</p> <p><veloc_leg 38c/2,9s></p>

Fonte: Elaborado pelos autores.

No quadro 6, temos que a velocidade da legenda presente na coluna da esquerda (primeira tentativa de legendagem do vídeo, e, por conseguinte, mais atrelada ao roteiro produzido pela intérprete de Libras) é de aproximadamente 6 cps (17c/2,9s), podendo assim ser definida como extremamente baixa. Já a velocidade da legenda presente na coluna da direita (produzida em um segundo momento, com algumas explicitações) atinge uma

velocidade na casa dos 13 cps (38c/2,9s), mais próxima portanto dos valores referenciados como ideais por Chaves (2012, p. 57), isto é, entre 14 e 15 cps.

Em relação às repetições observadas na tradução para Libras e exemplificadas anteriormente no quadro 3, mesmo que a intérprete em seu roteiro de legendagem tenha optado por sintetizar a fala do tradutor do vídeo, procuramos harmonizar imagem e legenda e não deixar espaços vazios. Em alguns momentos, reescrevemos o texto fazendo uso de palavras sinônimas e de expressões como “isto é” e “ou seja”, porém em outras situações a escrita redundante se tornou inevitável, como no exemplo supramencionado, em que a palavra “cuidado” apareceu em 3 inserções próximas.

Por fim, para a legendagem das datilologias, aspecto ausente na legendagem de línguas orais, seguimos o padrão utilizado na TV INES, em que as letras da palavra a ser soletrada são escritas em caixa alta e com um traço entre elas. A figura 4 mostra um exemplo de datilologia, com a legenda trazendo o texto “A-B-O-R-D-A-G-E-M”:

Figura 4 – Exemplo de datilologia



Fonte: Captura de tela elaborada pelos autores.

Também é comum, após a datilologia de determinados termos, o tradutor acrescentar a informação do sinal em Libras correspondente àquele termo, conforme figura 5:

Figura 5 – Exemplo do uso de explicitação na apresentação de um sinal da Libras.



Fonte: Captura de tela elaborada pelos autores.

Como pode ser observado na figura 5, utilizamos novamente o recurso da explicitação, redigindo expressões como “este é o sinal para” seguido do termo em questão, assim conseguimos manter a harmonia entre imagens e legendas, mesmo com acréscimo de material linguístico.

Considerações Finais

Este trabalho teve por objetivo descrever o processo de produção de LSE de vídeos em Libras do gênero texto acadêmico, uma área ainda não explorada pelos estudiosos em TAVa. Foram apontadas as dificuldades encontradas ao longo do processo e apresentadas algumas estratégias adotadas para a produção de uma LSE que considere as peculiaridades desse tipo de material audiovisual.

Durante o processo, verificamos que um tempo de exposição em tela de 5 segundos mostrou-se mais adequado no que tange à marcação das legendas seguindo o fluxo de fala do tradutor. Entretanto, essa “regra dos 5 segundos” precisa ser testada com um *corpus* mais abrangente, a fim de certificar sua validade, inclusive com vídeos em Libras de falas espontâneas.

Outra possibilidade de pesquisa é a realização de um estudo mais aprofundado em relação aos aspectos tradutórios que envolvem o par linguístico Libras-Português e como isso afeta a produção da LSE de vídeos em Libras. Para pesquisas futuras, acreditamos que seria importante fazer uma pesquisa de recepção com surdos e ouvintes sobre a “regra dos 5 segundos” e ainda verificar como traduzir datilologias e repetições da Libras em vídeos de forma a não comprometer o conforto na recepção da LSE.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, V.L.S; ASSIS, I.A.P. A segmentação linguística na legendagem para surdos e ensurdecidos (LSE) de ‘Amor Eterno Amor’: uma análise baseada em corpus. **Letras & Letras**, v. 30, n. 2, 2014, 156-184.

ASSIS, I. A. P. **Legendagem para surdos e ensurdecidos (LSE):** análise baseada em corpus da segmentação linguística em Amor, Eterno Amor. 2016. 106f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Linguística Aplicada). Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2016.

AUMONT, J.; MARIE, M. **Dicionário teórico e crítico de cinema**. Campinas: Papyrus, 2003. p. 136-137.

BARBOSA, J. R. A. Uma análise crítica das abordagens/métodos para o ensino-aprendizagem de línguas. In: RIBEIRO, E.; FARIAS, M. (orgs.). **Ensino de Línguas Estrangeiras. O que é? Como se faz?** Curitiba: Ed. CRV, 2014, p. 17-28.

CARVALHO, F. C. M.; SOUZA, M. C. de; ALVES, O. P. da S.; LEONEL, W. H. dos S. Legendas no processo ensino aprendizagem na educação inclusiva na modalidade a distância. In: CONGRESSO INTERNACIONAL ABED DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA, 23., 2017, Foz do Iguaçu. **Anais**. São Paulo: Associação Brasileira de Educação a Distância, 2017. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/congresso2017/trabalhos/pdf/36.pdf>>. Acesso em: 4 set. 2018.

CHAVES, É. G.; ARAÚJO, V. L. S. **Guia de legendagem para surdos e ensurdecidos (LSE) no Brasil:** aspectos técnicos e práticos. Fortaleza: UECE, 2017.

CHAVES, É. G. **Legendagem para surdos e ensurdecidos:** um estudo baseado em corpus da segmentação nas legendas de filmes brasileiros em DVD. 2012. 126f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Linguística Aplicada). Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2012.

DIAZ-CINTAS, J. Audiovisual translation today: a question of accessibility for all. **Translating Today**, v. 4, p. 3-5, 2005. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/314261855_Audiovisual_Translation_Today_-_A_question_of_accessibility_for_all>. Acesso em: 4 set. 2018.

DIAZ-CINTAS, J.; REMAEL, A. **Audiovisual translation:** subtitling. Manchester: St. Jerome Publishing, 2007.

D'YDEWALLE, G. et al. Reading a message when the same message is available auditorily in another language: the case of subtitling. In: O'REGAN, J.K.; LÉVY-SCHOEN, A. (orgs.). **Eye Movements:** from physiology to cognition. Amsterdã: Elsevier Science Publishers, 1987, p. 313-321.

KARAMITROGLOU, F. A proposed set of subtitling standards in Europe. **Translation Journal**, v. 2, n. 2, p. 1-15, 1998. Disponível em: <<https://translationjournal.net/journal/04stndrd.htm>>. Acesso em: 4 set. 2018.

NASCIMENTO, A. K. P. **Linguística de corpus e legendagem para surdos e ensurdecidos (LSE):** uma análise baseada em *corpus* da tradução de efeitos sonoros na legenda de filmes brasileiros em DVD. 2013. 109f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2013.

NAVES, S. B.; MAUCH, C.; ALVES, S. F.; ARAÚJO, V. L. S. (orgs.). **Guia para produções audiovisuais acessíveis**. Brasília: Secretaria do Audiovisual do Ministério da Cultura, 2016.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: ARTMED, 2004.

RODRIGUES, C. A interpretação simultânea entre línguas e modalidades. **Veredas atemática**, v. 2, n. 2, p. 268-269, 2013. Disponível em <<http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2014/04/14°-ARTIGO.pdf>>. Acesso em: 12 set. 2018.

VIEIRA, P. A. **A influência da segmentação e da velocidade na recepção de legendas para surdos e ensurdecidos (LSE)**. 2016. 245f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2016.

VIEIRA, P. A.; HARVEY, M. S. S. **Legendagem e Educação**. Fortaleza: UECE, 2018.